

A QUESTÃO SOCIAL NA OBRA “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR

THE SOCIAL ISSUE IN THE WORK “THE TIME OF THE STAR”, BY CLARICE LISPECTOR

Julienne da Silva Silveira 1
Viviane Cristina Oliveira 2

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma leitura da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, a partir da reflexão sobre o caráter marginal da personagem Macabéa, que nos possibilita olhá-la como uma ponte entre o caráter social regional ali desenhado e os estudos que problematizam a questão do feminino. Dessa forma, é possível destacar as margens sociais plasmadas na escrita de Clarice, escritora costumeiramente associada à linhagem do romance psicológico, distanciado dos apelos sociais. Esta pesquisa foi motivada por leituras e discussões em sala de aula, além de pesquisas individuais.

Palavras-chave: Regionalismo. Literatura. Questão Social e Mulher.

Abstract: This study aims to present a reading of the work *A hora da estrela*, by Clarice Lispector, from the reflection on the marginal character Macabéa, which allows us to look at her as a bridge between the regional social character and the studies that problematize the issue of the feminine. In this way, it is possible to highlight the social margins expressed in the writing of Clarice, a writer usually associated with the lineage of the psychological novel, distanced from social appeals. This research was motivated by readings and discussions in the classroom, as well as individual research.

Keywords: Regionalism. Literature. Social Question and Woman.

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras na área de estudos literários - PPG-Letras na UFT. Graduada em Letras pela UFT-Câmpus de Porto Nacional. Atualmente, é assessora técnica do Setor de Publicações e Edições da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9067718320425288>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4944-4193>. E-mail: julienne.ss@unitins.br

Doutorado em andamento em Letras: estudos literários na UFMG. Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora do Curso de Letras da UFT, Câmpus de Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3565754244268629>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5038-7491>. E-mail: vivianecristina@uft.edu.br

Considerações Iniciais

Este artigo tem como foco de estudo a personagem Macabéa, uma mulher marginalizada, pobre e silenciada pela sociedade. Para compor a reflexão sobre a obra *A hora da estrela* foram utilizados textos, tais como, *Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar*, de Lígia Chiappini, bem como textos dedicados à reflexão sobre a escrita de Clarice Lispector dos autores Hélène Cixous, Teresa Cristina Montero, Lícia Manzo, Evando Nascimento e Sérgio Antônio Silva.

A literatura mantém uma marca de variabilidade e flexibilidade que permite o surgimento de diversos estilos e tendências literárias, que acompanharam as mudanças culturais de cada época. Depois da semana de Arte Moderna, em 1922, surge uma geração de poetas e romancistas que abriram caminhos para uma nova escrita com mais liberdade formal e engajada em descortinar os problemas e misérias da sociedade brasileira de então. Mestres na arte de problematizar as contradições políticas e sociais do país, percebidas, sobretudo, nas regiões à margem do progresso, foram Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros.

E pode se dizer que uma das tendências mais destacadas da literatura brasileira é o regionalismo literário que, de acordo com autores como Antonio Candido, nasceu juntamente com o nosso romance de costumes no período romântico. Nas palavras de Candido, “[q]uanto à matéria, o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes” (*apud* CERISARA, 2019, p. 9). Seguindo a linha interpretativa desse crítico, diversos autores têm considerado o regionalismo a partir de três momentos distintos, dos quais Walnice Nogueira Galvão apresenta uma síntese em seu texto *Anotações à margem do regionalismo*: o primeiro momento corresponderia ao romance sertanista do romantismo; o segundo momento seria da tendência realista naturalista e o terceiro, mais maduro, o regionalismo da geração subsequente ao modernismo de 22, a geração de 30, da qual os autores citados anteriormente são destacados representantes.

A grande tendência da literatura regionalista é apresentar, a partir da região, a tensão entre oralidade e letra, campo e cidade, uma visão do passado e a denúncia das misérias do presente. Nesse sentido, especialmente a partir da mencionada geração de 30, o nosso romance passou a ser focalizado de acordo com o seu grau de ligação com a realidade e suas contradições políticas e sociais. Nas palavras de Jorge Amado:

São dois caminhos os do nosso romance, nascendo um de Alencar, nascendo outro de Machado, indo um na direção do romance popular e social, com uma problemática ligada ao país, aos seus problemas, às causas do povo, marchando o outro para o romance dito psicológico, com uma problemática ligada à vida interior, aos sentimentos e problemas individuais, à angústia e à solidão do homem, sem, no entanto, perder seu caráter brasileiro (*apud* BUENO, 2006, p.31).

De acordo com Luís Bueno, que apresenta em seu texto as tensões entre o Norte e Sul a partir dessas palavras de Jorge Amado, a ficção brasileira estaria cindida em duas vertentes: a social, voltada ao homem sertanejo que vive em constante conflito ou tragado pela terra, e a psicológica que seria a análise de costumes ou reflexão do homem sobre si mesmo.

Percebe-se no romance de 30 a divisão entre regionalistas e intimistas que são classificados como produtores de obras sociais e psicológicas respectivamente. É ainda Luís Bueno a dizer que a primazia do romance social sobre o de tendência intimista, numa década em que este último foi praticamente relegado às margens, se deve menos a uma distinção estrutural do que a um conflito entre gerações, geralmente consideradas ligadas: a geração de 22 e a geração 30. Destacado autor da geração de 22, Mário de Andrade ressalta em suas leituras de diversos romances regionalistas as lacunas estéticas de uma geração presa aos problemas do real: “o que preocupa é o comportamento generalizado da década de se valorizar ou não as obras exclusivamente pelo tema de que tratam ou, pior ainda, pela posição assumida pelo seu autor.” (*apud* BUENO, 2006, p.39). Para ele, o problema não era a relevância da temática social

na produção dos novos romancistas da década de 1930, mas o descuido ou mesmo descaso em relação à composição estética do texto.

Esse descuido em relação ao caráter estético do texto, que apontava Mário de Andrade, fez com que muito do que se produziu em termos regionalistas na década de 1930, bem como nas subseqüentes, fosse esquecido ou considerado literatura de menor qualidade. Está aí um dos estigmas que acompanham a literatura regionalista. Entre as mais diversas correntes literárias é a que mais gera polêmica entre os críticos literários, sendo, em linhas gerais, compreendida enquanto arte descritiva, voltada para a representação do sertão ou da região, espaço geográfico, paisagístico e socialmente delineado, no Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Vale-se, para tanto, de alguns usos e costumes rústicos, rurais, religiosidade e uma linguagem própria da região.

A crítica titula às vezes até de forma negativa a literatura regionalista, considerando-a não raro pitoresca, em função de excessos na mimetização do real, mimetização da linguagem que corre os riscos de rasurar personagens e situações. Calcada em realidades locais, na literatura regional identificamos personagens e situações reais de cada região como, por exemplo, os cangaceiros, boiadeiros, jagunços, guerras e lutas no sertão, vaquejadas, quadrilhas, festas religiosas, violência e morte, amores passionais, coronéis, cavaleiros, viajantes, mocinhas prendadas e heróis, engenhos, rios, assombramentos. Tal variedade humana e temática pode ser considerada razão tanto da riqueza de muitos textos associados ao regional, como do pitoresco em função do qual é o regionalismo termo, não raro, refugado por alguns críticos e escritores.

A literatura regionalista, em sua potência e seus limites, nas múltiplas representações locais que produz e mesmo no caráter polêmico que a anima não deve ser excluída ou considerada menos importante na literatura brasileira. Como Lígia Chiappini (1995) afirma “estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu fenômeno universal”. Nesse sentido, é válido pensar no que de bom foi produzido nessa tendência, seus desdobramentos, e não somente em relação aos momentos em que constantemente é referida (os três momentos dos quais fala Walnice Nogueira). O regionalismo, como tendência crítica e estética, tem uma vida mais longa do que pressupõe algumas genealogias. É possível perceber suas ressonâncias em Guimarães Rosa, em autores contemporâneos como Milton Hatoum e mesmo em uma aclamada escritora que entrou para as páginas canônicas da literatura brasileira como autora de romances e contos intimistas: Clarice Lispector. Aqui as águas divididas por Jorge Amado em seu discurso se misturam.

Especialmente em *A hora da estrela*, Clarice Lispector passeia de forma mais intensa entre essas duas vertentes, o romance psicológico e o romance social. Dona de um estilo incomparável, Clarice inova a literatura brasileira saindo dos padrões convencionais. Suas obras ressaltam a angústia de viver, experiências psíquicas, questionamentos existenciais tecidos a partir do universo de figuras femininas que predominam em sua escrita. Mas não foi somente este olhar para o espelho que Clarice focalizou em suas obras. O olhar para o outro também está ali, ainda que nem sempre a crítica literária jogue luz sobre esta questão. É nessa lacuna do olhar crítico que pretendemos, nas páginas seguintes, reler uma figura feminina que não deixa de ser um corpo em uma margem social: Macabéa.

“Uma moça tão pobre que só comia cachorro quente...”¹

Em entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, no programa *Panorama na TV Cultura*, gravada em janeiro de 1977 e apresentada ao público em dezembro do mesmo ano, após sua morte, Clarice Lispector menciona a composição de uma nova obra, uma novela. Apesar de questionada, a autora não revela o nome da personagem central; diz somente que se trata de uma “inocência pisada”².

A autora comenta que pensou em escrever essa novela quando visitou a feira dos nordestinos no Rio de Janeiro. Clarice percebe um olhar perdido de um nordestino e esse fato a

¹ Expressão transcrita da entrevista concedida a Júlio Lerner, em 1977, no programa *Panorama na TV Cultura*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>.

² Idem.

deixa intrigada; depois ela vai a uma cartomante e, em seguida, pega um táxi para voltar para casa e, no trajeto, fica imaginando que seria engraçado se o táxi a atropelasse depois de ter ouvido coisas boas. E assim nasce o romance ou, como a autora prefere chamar, novela.

A entrevista de Clarice é editada novamente e levada ao público na página do *youtube*, acrescida de depoimentos de admiradores da escritora, em 07 de dezembro de 2012. Suzana Amaral, diretora do filme *A hora da estrela*, contribui com esta reedição ao comentar sobre Clarice, sobre a forma como foi escrita a narrativa: “como se fosse um vômito... ela toca no problema social do Brasil.”³. Nota-se que essas considerações de Suzana estão na obra, “vomitar o que não tinha corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas.” (LISPECTOR, 1998, p. 83). A diretora destaca, assim, que Clarice tem um novo olhar: autora de várias crônicas intimistas, que trata da crise do indivíduo consciente e inconsciente, ela une em *A hora da estrela* duas vertentes: os devaneios psicológicos e a questão social impregnada em Macabéa.

No filme *A hora da estrela*, a diretora busca ser fiel ao livro de Clarice. Percebemos na leitura e na interpretação da atriz Marcélia Cartaxo, que dá vida a Macabéa, o retrato da miséria que vivia e o seu conformismo que desespera o espectador e o leitor. Na obra de Clarice Lispector, Rodrigo S. M. é narrador e pseudo-autor da narrativa, narrador que sofre ao escrever o livro: “Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela.” (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Rodrigo S. M. conversa com o leitor; a força da linguagem e a exploração psicológica da personagem tecidas por essa voz masculina provocam e incomodam durante a leitura. O narrador fica preocupado com a vida de Macabéa, como falar dos problemas sociais que ela vive se não pode ajudá-la de forma concreta.

Nas palavras de Rodrigo S.M.:

Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo (LISPECTOR, 1998, p. 33).

Como Rodrigo irá escrever Macabéa, é preciso ter cuidado ao pisar no território da personagem. Assim, Clarice faz um jogo ficcional em seu romance. Suas palavras se infiltram através da voz do narrador. E ao escrever, segundo Mainardi (2010), Rodrigo S. M. descreve Macabéa sem embelezar as palavras, abrindo uma discussão sobre a escrita que instigou diversos críticos literários. Para Silva (2005), Rodrigo precisa se adaptar à pobreza, sentir as necessidades de Macabéa para escrever, percebe a falta de recursos literários, mas seu desejo maior é escrever uma história simples.

Hélène Cixous, escritora francesa que divulgou o trabalho de Clarice mundialmente através do Centro de Estudos Femininos (fundado por Cixous em 1974) na Universidade de Paris VIII, afirma:

Macabéa não é (apenas uma) personagem de ficção. Ela é um grão de poeira que entrou no olho da autora e provocou uma torrente de lágrimas. [...] É também uma torrente de perguntas imensas e humildes que não pedem respostas [...]. Macabéa precisa de um autor especial. É por amor a Macabéa que Clarice Lispector vai criar o autor necessário (CIXOUS, 1999, p. 129).

Para Cixous (1999), Clarice moldou Rodrigo, principalmente seus questionamentos em relação à obra em si, o árduo trabalho de escrevê-la. Para a pesquisadora, Clarice retrata de forma minuciosa e simples a vida de Macabéa, como se fosse seu autorretrato. “Seria sua história, um autorretrato distante, mais distante do modelo do que o autorretrato habitual.” (CIXOUS, p. 131). Um dos indícios que validariam tal percepção estaria na contracapa do livro

3 Idem.

contendo os trezes capítulos possíveis; nesta percebemos a assinatura de Clarice entre eles, então seriam quatorze contando com o nome dela. Inserindo-se no percurso dessa migrante, a autora nos leva a refletir sobre sua vinda para o Rio de Janeiro, seu processo pessoal de migração, lembrado “qual a criatura que na terra seria a mais estrangeira possível, e que ao mesmo tempo nos ‘comovesse’” (CIXOUS, p. 133 e 135). Hélène Cixous comenta sobre a pessoa que vem de uma terra sofrida pela fome e miséria, como alguém que pertencesse a outro planeta. Clarice trabalha isto, “um pedacinho de vida vindo do Nordeste” (CIXOUS, p.135), para sobreviver no Rio de Janeiro, um mundo cheio de cultura.

Macabéa – A terceira Margem

No texto “Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar”, Lígia Chiappini tece, a partir da leitura de *A hora da estrela*, uma relação entre as personagens de Clarice de forma a discutir a existência humana e a condição feminina sobre o olhar cego da crítica literária.

Em *A hora da estrela*, enfatiza Chiappini, a protagonista é sempre flagrada em seus conflitos sociais; ela se sente livre ao faltar ao trabalho e sente o prazer de não ter nenhuma obrigação como um único momento feliz de sua vida. Macabéa é diferente de outras mulheres de Clarice, sua simplicidade, seus modos desajeitados, roupas velhas, destoam das personagens de classe média clariceanas que se questionam psicologicamente, como por exemplo, Ana em *Laços de família*. A personagem em *A hora da estrela* nos remete com mais intensidade à realidade; seus problemas psicológicos e sociais provocam o leitor para uma reflexão mais profunda sobre a classe baixa esquecida na sociedade brasileira. Sua alimentação era sempre um cachorro quente e Coca-Cola. A escrita de Clarice nos causa estranhamento por causa do tom narrativo que conduz o destino de Macabéa, tom marcado por certa: “brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa” (LISPECTOR, 1998, p. 25). Macabéa faz parte de uma classe social marginalizada e excluída da sociedade, ao que se acrescenta o fato de ser mulher, outro motivo de exclusão. Uma retirante que se muda para o Rio de Janeiro por causa da tia. E a tia morre e Macabéa passa a morar numa pensão com quatro moças.

Retornando à questão regional pela via dessa nordestina, que migra para o Rio de Janeiro, vale recordar as reflexões de Afrânio Coutinho sobre o regional em literatura, acionadas no texto de Adriana Araújo (s/a)⁴. Coutinho pensa em dois caminhos para a expressão literária da valorização de peculiaridades locais e exploração descritiva do espaço geográfico. Pelo primeiro caminho, toda arte pode ser considerada regional quando parte de um local particular. No segundo caminho, Coutinho define o sentido do regionalismo autêntico, sendo a obra regionalista aquela que não é localizada apenas no sentido literal da palavra. Coutinho faz uma divisão didática na literatura regional, mesmo que alguns escritores tratem de assuntos universais, o que se considera regional é tudo que não vem do centro, o Rio de Janeiro.

Assim, vale ressaltar Macabéa e o seu local de origem, uma alagoana de origem pobre. Macabéa é uma nordestina que sonhava ser estrela de cinema, mas que vivia uma rotina sem expectativa de uma vida melhor. Seus momentos de descontração consistiam em, por exemplo, ouvir o rádio e anotar as palavras difíceis para conversar com Olímpico, seu namorado que ficava aflito por não saber explicar as perguntas de Macabéa. Na sua pureza e ingenuidade, passa a observar suas colegas e, principalmente Glória, quando falta ao serviço de datilógrafa para ficar em casa e acordar tarde, passar batom e ir passear no parque. Uma personagem de uma região pobre do país, que se encanta com pequenas coisas para se sentir feliz. Macabéa não está no sertão, mas traz o sertão para o espaço urbano. Clarice em outras obras ressalta a pobreza e a sensibilidade que levam o leitor a refletir sobre as reações ou silêncios que podem acontecer no dia a dia, quando nos deparamos com algumas cenas. Cenas de pessoas humildes, pessoas submetidas à miséria, a relações de escravização e espoliação, ora provocando o ódio, ora a repulsa ou a vergonha, como podemos observar em crônicas como “*Por detrás da devoção*”, centrada nos conflitos entre empregados e patrões, e “*As caridades odiosas*”, na qual percebemos o incômodo e vergonha da personagem compelida a dar esmolas.

4 Disponível em: http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2006/23-adriana_migrantes.pdf. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

Nesse sentido, nos escritos de Clarice é possível notar as duas margens de classes que se encontram e sempre vão se encontrar. E, incluir Macabéa nesse contexto, seria então uma terceira margem? porque além de pobre e marginalizada pela sociedade, suas características nordestinas fazem Macabéa um ser inexistente e vítima de preconceitos.

Segundo Foucault (1988), “[a] repressão funciona, de certo, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio – afirmação da inexistência (...)”; o que percebemos em *A hora da estrela* é uma figura feminina sem corpo que “sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada” (LISPECTOR, 1998, p. 34.). Foucault (1988) relata sobre os tabus da sociedade em relação à mulher e Clarice escreve seus contos plenos de questionamentos que abalem essa história da escrita e a posição masculina na sociedade. Ela nos leva para uma compreensão da existência do eu-feminino, o lugar onde a mulher está na sociedade.

O escritor Nascimento (2012) nos revela:

Pois se trata de uma pintora que se escreve, deslocando a figura masculina do escritor (já no caso de Rodrigo S. M., este compete com a escritora C.L., em *A hora da estrela*).

Clarice Lispector classifica Macabéa como uma “inocência pisada” e sem a condição de ser feminina. A sociedade não enxerga Macabéa, ela é “como um cabelo na sopa não dá vontade de comer” (LISPECTOR, 1998, p.60). Macabéa só passa a existir quando morre no final da narrativa. Sendo uma forma de libertação de Macabéa que nasce para o mundo, “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (LISPECTOR, 1998, p.80). O sentido trágico de mistério, do inescapável destino representado pela morte que irrompe após as boas notícias da cartomante, insere o leitor no ritmo do espanto, da incompreensão que perpassa uma narrativa que vale aqui recordar, a narrativa do conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa.

Em “A terceira margem do rio”, um filho conta a história do pai que vai embora numa canoa, uma metáfora do mistério da condição finita do homem diante do infinito. Na sua memória de menino, habitam duas imagens: a primeira, a imagem do pai pintada por outras pessoas e a segunda, a imagem do pai partindo para permanecer entre duas margens. E o filho carregou a história do pai a vida inteira, vendo os outros irem embora e não se permitiu sonhar. No trecho “[e] apontavam em mim uns primeiros cabelos brancos” (Rosa, 2001, p.84), o leitor percebe o envelhecimento daquele que aguardava o retorno da figura paterna. Triste, o filho se perde nos questionamentos que fazia ao pensar como o pai se sentia e, no fim do conto, torna-se a continuação do pai ao pedir para ser entregue ao rio no trecho “[m]as, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” (Rosa, 2001, p.85).

O rio é uma imensidão com longas beiras, assim como a vida, a terceira margem. E isso, nos remete à Macabéa, sua ida à cartomante quando, depois de uma reflexão sobre sua vida, vai embora feliz esperando algo inusitado acontecer. Quando se depara com a eternidade: a morte inesperada, sua consciência passa a viver após a morte. Tornar-se estrela nesse momento, estrela por atrair a atenção que antes não tivera dos que ao redor passavam, bem como por alcançar o mistério que a todos rodeia, é matéria para as margens terceiras, as sociais, as místicas, as subjetivas, as ficcionais.

Assim, é possível ler Macabéa na terceira margem; uma mulher nordestina, tuberculosa, profundamente carente e solitária de relações familiares, uma personagem invisível, mesmo aos que compartilham experiência semelhante, a das margens da sociedade. Macabéa é o retrato das pessoas que comem mal e moram em moradias precárias, ou como as empregadas que moram nas casas dos patrões. E, nesse sentido, podemos notar “como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama de quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa” (LISPECTOR, 1998, p.14). E podendo ser substituídas facilmente por seus

padrões que exigem um bom trabalho, mas que não valorizam seus empregados dando-lhes condições dignas para a sobrevivência.

Macabéa continua, nessas vidas e corpos, vagando pelas ruas das cidades, reatualizando sempre, e de maneiras diversas, a angústia de narradores como Rodrigo S. M.; narradores intimados a tratar de experiências que não poderão plenamente compreender pela impossibilidade de representar o que a outro pertence. Aliás, pode-se arriscar dizer que, em nossa contemporaneidade, já é possível escutar de Macabéas as vozes. Vozes de mulheres e homens que, não somente como personagens, mas narradores e narradoras, requerem seu lugar de fala; mulheres e homens provenientes das periferias, das margens sociais, margens de raça e gênero, que ensaiam, requerem, enfim, a sua hora na literatura brasileira.

Considerações Finais

Esta pesquisa sobre a obra de Clarice Lispector teve como foco a questão social regionalista e os estudos que problematizam a questão do feminino. Dessa forma, tornou-se possível destacar as margens sociais plasmadas na escrita de Clarice, escritora costumeiramente associada à linhagem do romance psicológico, distanciado dos apelos sociais. Esta pesquisa foi motivada por leituras e discussões em sala de aula, além de pesquisas individuais.

Clarice Lispector cria uma personagem silenciada através dos preconceitos da sociedade brasileira e, assim, existem muitas Macabéas pelo país buscando mais vida em seus lares humildes. A obra permite múltiplos olhares; Macabéa representa o povo nordestino que migra para a cidade grande e reproduz um cotidiano simples, pisado e invisível. Macabéa é mulher sem vaidade, conformada com a falta de recursos básicos, vive de cachorro quente e Coca-Cola e ainda tinha pequenos prazeres. E são nesses pequenos detalhes que percebemos que há vida nessa personagem. E quando tudo poderia mudar, Macabéa é atropelada e morre.

Essa nordestina, cujo destino trágico é narrado por uma voz masculina cindida entre hostilidade e afeto, nos permite acionar, na leitura do texto, os traços regionais marcantes em sua trajetória, o que não significou classificar a obra de regionalista. Aliás, a multiplicidade de perspectivas, a interpenetração de espaços na trajetória de Macabéa, embaralha também as possibilidades de acomodar a narrativa a conceitos como literatura regional ou intimista. *A hora da estrela* faz o leitor refletir sobre o chão de Macabéa, sua existência humana e condição feminina na sociedade – não uma margem ou outra, mas uma terceira, uma em que é possível olhar, pela janela social, o que há de mais densamente ou tragicamente humano no destino que não é somente da nordestina, mas de todos, narradores e leitores.

Referências

A HORA DA ESTRELA. FILME COMPLETO. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MBxAMJvSip0> Acesso em: 19 de dez. de 2018.

ARAÚJO, Adriana de F. B. **Migrantes Nordestinos na Literatura Brasileira.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. **2006.** Disponível em: http://www.posciencialit.lettras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2006/23-adriana_migrantes.pdf Acesso em: 18 de jul. de 2020.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CANDIDO, Antonio. CASTELLO, José Aderaldo. 1918 – **Presença da literatura brasileira: histórica e crítica.** 15ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CERISARA, Fernando Gil. **Matéria Rural e a Formação do Romance Brasileiro: configurações do romance rural.** Tese apresentada para promoção a professor Titular. Universidade Federal do

Paraná. 2019. Disponível em: http://www.cppd.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2019/10/fernando_cerisara_gil.pdf Acesso em: 10 de jan. de 2020.

CIXOUS, Hélène. **A Hora de Clarice: Viver a laranja; À luz da maçã; O verdadeiro autor.** Rio de Janeiro: Exodus, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** 6ª Ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2001.

CHIAPPINI, Lígia. **“Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”.** Revista de Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.8, a.15, 1995, p. 153 – 159.

CHIAPPINI, Lígia. **“Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar, leitura de Clarice Lispector”.** s/d. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/682> Acesso em: 18 de jul. de 2020.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. **Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **“Anotações à margem do regionalismo”.** Literatura e Sociedade, São Paulo, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada/FFLCH-USP, n. 5, p. 44-55, 2000.

GIL, Fernando Cerisara. **“A crítica e o romance rural”.** Revista Letras, São Paulo, v.48, n.1, p.85-100, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/936/803>. Acesso em: 12 de mar. de 2014.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira: crônicas.** Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PANORAMA COM CLARICE LISPECTOR. 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>. Acesso em: 10 de dez. de 2013.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

SILVA, Sérgio Antônio. **A hora da estrela de Clarice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Recebido em 09 de julho de 2018.

Aceito em 13 de julho de 2020.